

dolium

> A peça

Fragmento de parede de peça de grande dimensão com arranque do bordo espessado. Algo grosseira, a pasta inclui alguns elementos não plásticos tais como quartzos de média dimensão. A superfície exterior tem um tratamento algo tosco com uma coloração heterogénea, encontrando-se decorada com duas linhas concêntricas entre as quais se observam as duas primeiras letras de um grafito pré-cozedura – *RO*.

Este fragmento pertencia a um *dolium* cuja utilização terá ocorrido possivelmente entre os séculos I e III d.C.



Fragmento BPLX – CC7

✓ O grupo

Os *dolia* são um tipo de contentor cerâmico muito característico no mundo romano, mais habitual em contextos terrestres – *villae rusticae*, *horrea* (armazéns) ou nas *tabernae* – onde desempenhavam funções de armazenagem e preparação de alimentos, sólidos ou líquidos, sendo nomeados de acordo com o seu conteúdo – *dolia vinaria*, *dolia olearia* ou *dolia frumentaria* para vinho, azeite e trigo ou frutos respetivamente.

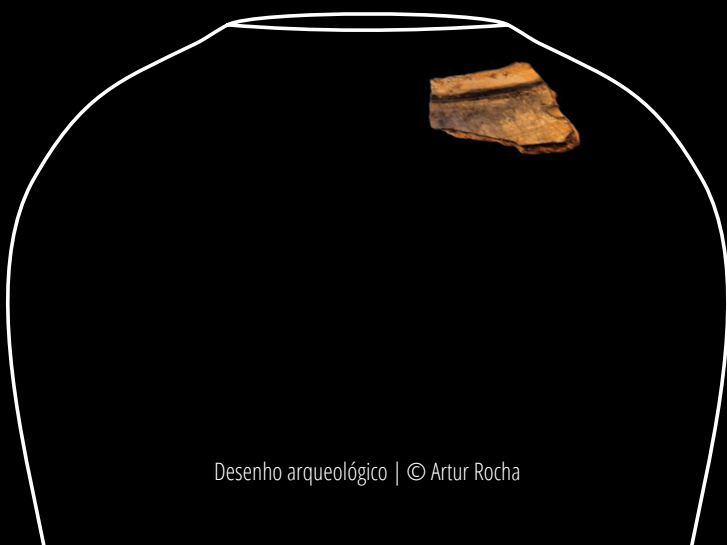
Menos habitualmente e num espectro temporal mais restrito, também serviram como recipientes de transporte marítimo, como se comprova pela sua descoberta no interior de navios naufragados.

Podendo atingir quase dois metros de altura, o corpo de um *dolium* era, regra geral, globular ou ovoide. As suas grandes dimensões requeriam paredes espessas e robustas, característica omnipresente nos exemplares que se conhecem.

O fundo era geralmente plano enquanto a sua boca podia ser bastante larga, com o bordo espessado, diferenciando-se das talhas medievais que os substituíram em idênticas tarefas pela ausência de um colo destacado. Quer se tratassem de contentores terrestres ou de transporte marítimo, não possuíam asas ou pegas que os permitissem mover, pelo que se encontravam fixados no solo ou na estrutura dos navios.

Os *dolia* foram os maiores contentores fabricados nesta época e, embora a sua evolução ao longo do tempo e a inexistência um padrão de fabrico fixo tivesse originado muitas variantes de tamanho, a sua capacidade atingiu sempre valores elevados, tendo ultrapassado por vezes, segundo as inscrições que alguns exemplares possuíam, os dois mil litros.

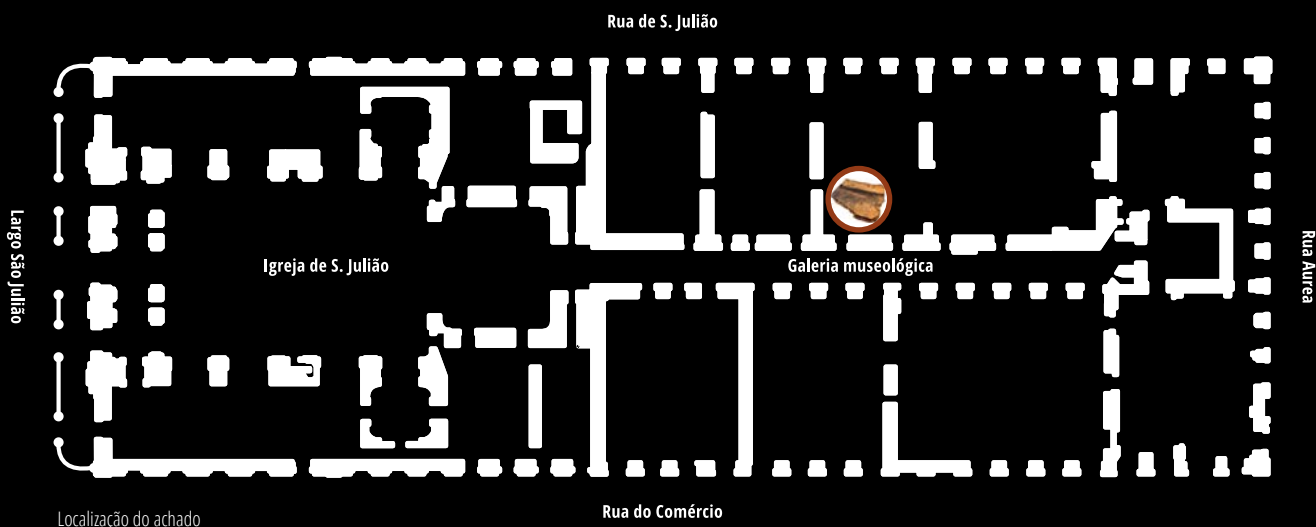
A sua disposição nos locais de armazenagem variou consoante a função desempenhada e o conteúdo, variando entre situações onde os *dolia* se encontravam enterrados quase até ao nível da boca – *dolia defossa* – ou outras em que se encontravam totalmente expostos, assentando no chão do respetivo compartimento.



Desenho arqueológico | © Artur Rocha

Reconstituições 3D | © Illusive





Localização do achado

^ O achado

Esta peça foi exumada nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na área atualmente ocupada pela garagem do Edifício Sede do Banco de Portugal, junto à face Norte da muralha de D. Dinis, a cerca de cinco metros de profundidade. Estas camadas depositaram-se na sua maioria entre os séculos I a IV d. C., em época romana Imperial, contendo muitos materiais associados à atividade marítima, do qual este *dolium* poderá ser uma evidência.

∨ Outras informações

Os grafitos nas paredes de *dolia* discriminam, na maior parte dos casos, a sua capacidade volumétrica em *amphorae*, medida equivalente a cerca de 26,26 litros, pelo que os caracteres mais habituais são os numerais – I, V, X, L – e indicadores das subdivisões – U, para *urna* (1/2 *amphora*) e M, para *modius* (1/3 *amphora*).

No caso do grafito RO, poderemos estar perante os caracteres iniciais do nome de um indivíduo, situação mais rara mas também documentada em incisões pré-cozedura, sendo mais habitual, contudo, que os produtores oleiros fossem indicados através de marcas estampilhadas.

As fraturas nas paredes do *dolia* eram, regra geral, reparadas com gatos de chumbo e o seu interior posteriormente revestido com uma substância impermeabilizante que lhe garantia a eficácia como contentor de líquidos - vinho ou azeite. Estas operações eram preferencialmente realizadas no Inverno quando a atividade agrícola era menor.

Na literatura latina, foram vários os autores a descrever os *dolia* e as suas funções, sobretudo em tratados relacionados com o mundo agrícola, chegando inclusivamente alguns, como Séneca, a referir que estes contentores podiam, dada a sua dimensão, servir de habitação, tal como no conhecido caso do filósofo Diógenes, o Cínico.

No seu tratado sobre arquitetura, Vitruvius indica uma outra função para os *dolia* que, no entanto, terá sido residual: a de elementos de ressonância em pequenos teatros onde, por falta de meios financeiros, não se conseguiam colocar os exemplares em metal habitualmente utilizados para desempenhar essa função.



O filósofo Diógenes no seu *dolium*.
Jean León Gerome, 1860.
Pintura do The Walters Art Museum, Baltimore.



Compartimento com *dolia* defossa em Ostia, Itália. Van Deman, E. B. (s.d) – Horrea with *dolia* – Ostia (Italy). Arquivo Fotográfico da American Academy in Rome Library. N.º de catálogo: 148023.



Inscrição pré-cozedura | © Artur Rocha.